

ESBOÇO SOBRE A CIÊNCIA [I] LÓGICA DA LITERATURA

Vanessa Santos de Souza¹

“Literatura não é teoria, é paixão”
Tzvetan Todorov

RESUMO: A diretriz dos estudos literários, ambientada nas ciências humanas, recorre ao discurso científico e divide a comunidade acadêmica a respeito de sua validade enquanto ciência. Por um lado, acredita-se que tais estudos contribuem para dar continuidade às obras literárias, pelo outro, observa-se os limites impostos às análises que sucumbem ao modelo científico. O presente trabalho tem como objetivo analisar as opiniões de alguns teóricos e pensadores sobre o tema, tais como Compagnon (1999), Todorov (2004), Foucault (1996), entre outros; procurando interligar e esclarecer pontos que os mesmos tenham em comum que revelem o ilogismo da ciência na literatura.

Palavras-chave: Literatura. Ciência. Estudos Literários.

ABSTRACT: The guideline of literary studies, set in the human sciences, resorts to scientific discourse and divides the academic community regarding its validity as a science. On the one hand, it is believed that such studies contribute to the continuity of literary works, on the other, the limits imposed on the analyzes that succumb to the scientific model are observed. The present work has as objective to analyze the opinions of some theorists and thinkers on the subject, such as Compagnon (1999), Todorov (2004), Foucault (1996), among others; seeking to interconnect and clarify points that they have in common that reveal the illogicalism of science in literature.

Keywords: Literature. Science. Literary Studies.

Nos corredores acadêmicos, mais especificamente no Departamento de Letras, é comum ouvir: “Estou escrevendo um artigo científico sobre autor X” ou “A linha de pesquisa que adotei para analisar cientificamente é a...”. Há uma convicção tradicionalmente aceita e apoiada pelos financiadores como a CAPES de que tais proposições não só são possíveis como também se tornam precisas para o acúmulo de títulos. A exigência de produção “científica” conspira tanto entre os professores como também contra os alunos, que começam a buscar uma série de leituras teóricas sobre a literatura, deixando aos poucos que a literatura em si se torne engessada no norteamento de suas teorias correspondentes. Mas afinal, que teoria é essa que parece se sobrepor a importância da obra literária, seu papel humanizador? Ou pior, por que a ciência autoriza ou invalida determinadas obras? O que faz realmente a ciência na análise dessas obras?

¹ Mestre em Estudos Literários pela universidade Federal do Piauí. E-mail: vanessateotraj@hotmail.com

CIÊNCIA: legado e submissão

Historicamente, a Ciência surgiu da filosofia e se emancipou séculos depois só para retornar ao berço. Isso porque a princípio os questionamentos acerca do mundo motivaram as primeiras experiências científicas. Mas era preciso organizar: partir de um método de pesquisa, implantar um cronograma, uma descrição clara do que seria feito e qual o objetivo. Com isso, surgiu a visão comum de Ciência no século XVII com Francis Bacon, que consistia basicamente em realizar observações, cujo pesquisador teria que neutralizar-se nessa etapa, isto é, despir-se de suas convicções, bagagem cultural e científica, estar isento de qualquer exterioridade no momento investigativo. De acordo com essa visão, o aspecto primordial é a indução, onde tem-se as proposições gerais (representadas pelas leis científicas), e as proposições particulares (referenciadas pelos relatos observacionais). Uma hipótese que passasse por esse método e comprovada, podia obter seu aval de ciência.

Todavia, tal modelo indutivo encontrou contestações mais à frente, visto que constatou-se a impossibilidade de observações neutras, assim como o empirismo estava diretamente relacionado com o processo. Com isso, a nova visão de ciência centrava-se no falseacionismo, ou seja, a Ciência só era considerada como tal se ela pudesse ser refutável, reconhecendo-se aí sua passibilidade ao erro. Essa visão permitiu que novas teorias surgissem e o positivismo científico fosse substituído pela conjuntura e abjeções. Podia-se então começar a falar em ciência subjetiva. A cisão entre objetividade e subjetividade na Ciência como a oportunidade de liberdade nas arguições teóricas, formulam um importante passo para a comunidade científica, ainda que muitos acadêmicos teimem em postular sobre teorias invioláveis. É preciso ressaltar, entretanto, que apesar da refutação possível e o advento da metafísica no campo da pesquisa, a coerência do método ainda é buscado através *do programa científico* de Lakatos, que consiste justamente no fato das teorias científicas não estarem embasadas apenas em postulados gerais, mas sim de metodologias em comum que norteiem a pesquisa².

² As informações contidas nos três primeiros parágrafos desse tópico estão fundamentadas a partir da leitura do trabalho de Chibeni, que são anotações de aulas ministradas por ele e podem ser conferidas no link a seguir: <http://www.unicamp.br/~chibeni/textosdidaticos/ciencia.pdf>. Acesso em: 05.03.2018.

Esse modelo de programa científico de pesquisa é facilmente observado em apresentações de TCC ou de dissertações, em que tanto o orientador como o restante da banca sempre encoraja o aluno a continuar sua pesquisa, fazendo-o acreditar na validade da mesma para a comunidade científica. Ou seja, o modelo progressivo de pesquisa nada mais é do que a pesquisa continuada: não se pode parar, já que uma pesquisa nunca está definitivamente concluída. Devido ao seu caráter científico, ela pode sempre ser abjeta ou até mesmo se tornar obsoleta.

Mas o que isso tudo tem a ver com literatura? O exemplo dado há pouco também ocorre nas apresentações científicas de obras literárias, contendo exatamente esse paradoxo. Para dissertar a despeito de um romance por exemplo, não se pode cair numa leitura impressionista, ainda que alguns autores ao escreverem ensaios ou prólogos sobre outros não se embasem em nenhuma teoria³. Podem até se referir a algum movimento estético, mas não da maneira básica que divide o texto nas partes comuns aos trabalhos acadêmicos: revisão de literatura e análise. A impressão de um escritor sobre outro é carregada justamente daquilo que mais interessa numa obra literária: o leitor.

AS LINHAS DE PESQUISA E OS PROBLEMAS DE APLICAÇÃO

O estudo da literatura se embasa em teorias. No ensino fundamental e médio brasileiro as literaturas portuguesa e brasileira são estudadas em Escolas, isto é, se valem da historiografia que vai desde as manifestações literárias e da literatura propriamente dita (CANDIDO, 2000) até a literatura contemporânea. O problema, entretanto, não está na historiografia em si, mas no método de ensino que a partir dela se baseia na subdivisão do contexto histórico, características e principais autores. No ensino superior outro perigo⁴: as correntes teóricas são variadas. Para citar algumas, temos o Formalismo Russo, New Criticism, Fenomenologia, Estruturalismo, pós-estruturalismo, Desconstrução, Teoria Feminista, Psicanálise, Pós-Colonialismo, Teoria Queer, etc (COMPAGNON, 1999). Para

³ Importante acrescentar aqui a existência de vários de crítica literária, como aquelas feitas pela imprensa, com um objetivo elogioso em relação à obra para obter a venda; ou a profissional, feita por professores, acadêmicos e alguns jornalistas, e a crítica feita pelos próprios artistas, que acompanha a história da literatura, mas de certa forma cheia de juízos de valores corrompidos pela irmandade (TADIÉ, 1992).

⁴ Saiba mais em: A literatura em perigo (TODOROV, Tzevdan). Tradução Caio Meira – Rio de Janeiro: DIFEL, 2009. 96 p.

efetivar qualquer análise, por mais que a pesquisa seja de cunho pessoal, ela irá representar uma Universidade, um Curso de Graduação ou de Pós-graduação e, portanto, deve se *fundamentar* numa dessas teorias. Só aí ela se tornará devidamente científica, porque irá estar enquadrada num método, num determinado teórico de respaldo, num programa *progressivo* de pesquisa.

Compagnon (1999) se aprofunda nestas questões, na tentativa de conceituar a teoria. Sua problematização acerca da disciplina (ou ciência) gira em torno de uma pergunta comum tanto para a história quanto para a teoria literária: o que é literatura? A diferença está no fato de que a teoria, ainda segundo ele, é analítica ao invés de normativa, e possui um objeto de estudo centrado nos discursos sobre a literatura, a crítica e a história literária. Ela possibilita, portanto, a formação de uma consciência crítica e de uma ideologia literária, visto o caráter polêmico de muitas vertentes.

Há teoria quando as premissas do discurso corrente sobre a literatura não são mais aceitas como evidentes, quando são questionadas, expostas como construções históricas, como convenções. (COMPAGNON, 1999, p. 18).

Ou seja, o papel da teoria é desestabilizar na finalidade de aprimoramento. De acordo com Culler (1999), Teoria é um emaranhado de leituras críticas que questionam. Os questionamentos que as referidas teorias apontam são nada menos que leituras obrigatórias para compor o referencial teórico das análises literárias. Por exemplo, para teorizar acerca da problemática da identidade de gênero num dado personagem, é preciso ler prioritariamente Judith Butler/ Joan Scott/ Beatriz Preciado/etc, e somente em seguida ler os demais teóricos. Assim, todos ou quase todos os trabalhos nesta linha de pesquisa terão que trazer estes nomes nas referências bibliográficas. Caso contrário, essa pesquisa correrá o risco de invalidação científica, reprovação pela banca, ou sofrer outras punições menores. Percebe-se, com essa imposição, que a subjetividade na ciência parece esfalecer.

O grande problema dessas teorias, o que as impossibilita enquanto ciências – visto que aquilo que não pode ser refutado não pode ser considerado ciência, segundo Chibeni – não é sua existência, mas suas aplicações. É considerá-las mais importante que o objeto de estudo a qual se referem. É sobrepô-la sobretudo ao poder de criação literária – uma vez que obras literárias autênticas não valem em alguns processos de titulação a partir dos

critérios da CAPES, dissociando, assim, teoria e prática⁵. Estudar literatura implica uma série de compreensões que se encontram na história e na cultura, nos gêneros e registros, na elaboração dos significados, na singularidade dos textos, na argumentação e no efeito dos discursos sobre seus receptores. Mas, acima de tudo, implica na formação humana. “Graças à arte, o ser humano pode atingir o absoluto” (Todorov, 1999, p.52). O absoluto da arte não pode ser alcançado pelo o que dizem os críticos, mas por ela mesma.

LUMINESCÊNCIAS DO DEBATE

Quando a humanidade evoluiu graças ao desenvolvimento da comunicação, chegou a um ponto em que foi necessário implantar ciências que não visassem apenas os fenômenos físicos, mas também sociais, visto que os principais acontecimentos dos últimos séculos (renascimento, iluminismo, reforma protestante, revolução francesa, guerras mundiais, etc) requeriam estudos para compreender as novas estruturas da sociedade e do homem moderno. Estas novas Ciências são chamadas de Humanas, como Antonio Holfeltd enumera a seguir: “A partir da Arqueologia, como a História, a Antropologia, a Geografia, a Sociologia, etc” e “em sua interioridade, com Sigmund Freud, abria os campos da Psicologia e Psicanálise” (2001, p. 94). Os referidos campos do conhecimento tiveram início logo após a segunda metade do século XX, porque a atuação das ciências físicas não supriam nada além de estudos que estimulassem avanços tecnológicos; o homem, aturdido em meio a gerações caóticas e o instantâneo das revoluções do Saber, precisava de alguma subjetividade como referência. Daí a dissolução do teocentrismo reforçada pelos argumentos da filosofia.

Não se pretende afirmar, entretanto, que só a partir dessa configuração das Ciências Humanas os Estudos Literários foram “autorizados” como Ciência. Bem antes já se fazia: em *A Poética*, de Aristóteles, se inaugura as primeiras considerações a respeito das categorias gerais da literatura, embora o que eles fizessem ainda não podia ser considerado teoria literária, porque a pretensão não era o estudo ou o discurso literário, “mas a literatura em si mesma. Procuravam formular gramáticas descritivas da literatura”

⁵ Aqui me refiro ao fato de em seleções de mestrado na área de letras (estudos literários, melhor dizendo), livros autorais de literatura não são considerados como titulação acadêmica, quando a teoria e a crítica são posteriores à obra de arte.

(COMPAGNON, 1999, p. 19). Porém, cito o advento das ciências humanas como responsável da instauração da premissa científica dos Estudos Literários, devido ao fato de elas terem se firmado no século XX juntamente ao movimento estruturalista e o boom das ciências sociais de 1968.

É certo que as obras literárias podem ser estudadas com fundamentação teórica a partir dessas ciências, mas daí considerar o seu estudo intrinsecamente objetivo constitui uma relação limítrofe às possibilidades artísticas da palavra. Além disso, o recorte do *corpus* e da linha de pesquisa já diz muito sobre o pesquisador. Poderia simplesmente dissertar minha opinião, mesmo que para fazer isso tenha que comprová-la ou confirmá-la com afirmações de outros pesquisadores. Mas antes decido incrementar a discussão, formulando as assertivas de quem acredita piamente na cientificidade dos Estudos Literários, e quem a rejeita, efetuadas, é claro, no suporte da estrutura acadêmica.

A SUPREMACIA DA ARTE

Muito se pergunta o porquê da morte da arte. Em artigo da revista Cult, atribui-se à arte contemporânea o desgosto e a desolação do artista em rompimento com o belo, visto que a arte não possui mais a função de confortar ou confrontar a realidade, mas sim de representá-la sem o menor artifício estético – ou o novo esteticismo reflita justamente a sua reestruturação⁶. A criação mimética foi enlutada, e termos como “feiura” e “asco” ganham seu lugar de representação com relevância semelhante àquelas obras que instauravam o belo como via de regra. O artigo não mencionava o estudo artístico em si, pois tem em vista somente a percepção da arte contemporânea em detrimento com a sua função ao longo da história. Porém, acrescentaria que uma das razões da morte anunciada da arte não se deve somente ao mal estar do homem na civilização contemporânea, mas também as normatizações aí propostas, no intuito de enquadrar o indivíduo artística e cientificamente, ou seja, incluí-lo num método previamente aceito, castrando assim as linguagens mais autênticas.

⁶ Ver mais em: <https://revistacult.uol.com.br/home/o-luto-da-arte/>. Acesso em: 09.03.2018.

Mesmo hoje, na pós-modernidade⁷, quando já se crê em ciência subjetiva, mesmo que parcialmente, a imposição da objetividade ainda impera em análises literárias. A teoria literária, responsável por nortear a cientificidade dos estudos literários, oferece os subsídios necessários e elementares para a formulação da crítica: o que é literatura? Para que serve o seu estudo? Sobre estes questionamentos, posso respondê-las com o aval de duas citações. Primeiramente, cito Artur Gouveia, professor da Universidade Federal da Paraíba, que publicou um fascículo para orientar seus alunos na disciplina de Teoria da Literatura. Nessa apostila, ele trata da natureza, dos meios e da finalidade da literatura. De início, seu posicionamento já é bem claro:

Refletir sobre a natureza da literatura é verificar como a arte das palavras se constrói. Literatura não é documento, não é jornal, não é texto científico. Literatura é ficção, criação imaginária, embora ligada à realidade concreta. Acontece que ela não é uma cópia nem uma mera retratação da realidade que vivemos. A literatura é uma transfiguração artística das experiências humanas, mas nunca se reduz a estas. (GOUVEIA, 2009, p.6).

Depreende-se aí a preocupação do texto literário em si como não sendo documental, nem jornalístico, muito menos científico. Porém, os discursos gerados a partir dele podem resultar em crítica. O problema é quando essa crítica deseja equiparar-se as obras analisadas⁸. O tecnicismo das análises acadêmicas não se sobrepõem a fluidez artística, ao labor com a palavra, a surpresa do verso ou da prosa. A previsibilidade do cientificismo nem é inteiramente ciência quando o assunto é análise literária nem origina uma nova. Há um pouco de ambos e de outros ingredientes que resultam numa atividade profícua e necessária.

[...] O crítico é um instrumento valioso; pois na literatura, seguramente, a crítica é o crítico, assim como a arte é o artista; pois, seguramente, foi o artista que inventou a arte e o crítico que inventou a crítica, e não o contrário. E ocorre com os tipos de crítica o mesmo que ocorre com os tipos de arte – o melhor tipo, o único que vale a pena falar, é o que nasce da mais viva experiência [...] Ele apenas sabe que, quanto mais impressões ele tiver

⁷ “Não se trata nem de uma ‘escola’ (unificada) nem de um ‘ismo’, mas de uma condição ou, talvez, perspectiva, que rejeita um pensamento totalizante, as metanarrativas iluministas, os referenciais universais, as transcendências e as essências e que, implodindo a Razão moderna, deixa-a nos cacos das racionalidades regionais, das razões particulares” (VEIGA-NETO, 1998, p. 145).

⁸ Jean Yves Tadié (1992) menciona tal comportamento no seu livro *A crítica Literária do Século XX*, quando revela que a crítica “busca a possibilidade da experiência literária”.

mais capaz será de registrar, e que quanto mais saturado estiver, coitado, mais poderá dar aos outros [...] A do crítico, na literatura, é duplamente ligada, porque lida com a vida em segunda mão assim como em primeira; ou seja, ele lida com a experiência dos outros, que traduz para a sua própria [...] (JAMES, 2011, p.47).

É claro que a crítica, por advir da arte, é a consequência, e não a causa. E como Henry James postulou acima, o crítico é um “instrumento valioso”. É ele quem instaura a tradição, o cânone – ou se contrapõe a ele – a concretização literária, já que a literatura em si segue no mais abstrato da língua, e se esquia de uma ou outra postulação. A crítica, a teoria, ou qualquer coisa que os valha, se aproximam. No entanto, a imaterialidade do *corpus* literário emite a sua verossimilhança ou mímese de forma tão peculiar que pode levar ao crítico justamente aquilo que James assevera: a tradução de sua própria experiência.

O APARATO TEÓRICO

Em meio ao debate, é preciso reconhecer a importância das diversas teorias ou do crítico que as disseminam. É a teoria que problematiza a partir da obra, e não o inverso. Digamos que a teoria, assumindo esse papel de ciência, revela as questões ext, e como elas contribuem além exteriores à obra, utilizando-se da política, filosofia, sociologia, psicanálise e as formas mais diversas de se ambientar no mundo. Ou seja, a teoria reflete, interpreta, conceitua, problematiza, analisa e descreve (COMPAGNON, 1999), de maneira que realmente almeja alcançar uma via de concretude ante ao texto literário.

No caso dos estudos literários, a teoria assume um caráter de interpretação, que busca dar um sentido ao objeto, a partir de um arranjo lógico e coerente de argumentos. São poucos os trabalhos, no campo da pesquisa literária, que oferecem explicações sobre a ocorrência de determinados fenômenos, com base na descrição de dados concretos da realidade, vistos não como complementares, mas constitutivos do objeto literário. (PIVETTA, 2010, p. 97).

É como se a teoria fosse a continuidade do trabalho literário. “A poesia publicada já não pertence exclusivamente ao autor e sim a uma sociedade, a um condomínio entre o autor e o leitor ou leitores” Drummond, em entrevista concedida à Maria Luzia do Pazo para produção de sua tese de doutorado em 1984, afirma a falta de domínio do escritor em

relação à própria obra⁹. A partir dessa afirmação, depreende-se que o crítico é um leitor, antes de tudo. O leitor ideal, como afirmou Antonio Candido (2000). O problema não está, entretanto, na reflexão que a teoria proporciona, mas na aproximação que muitos fazem dessa crítica ao valor literário:

A crítica é também um ato de criação. Para muitos, ela é Literatura mesmo. O crítico produz um discurso artístico na medida em que articula conceitos e sensibilidade. Ele trabalha com a racionalidade, mas também utiliza a intuição. Seu principal objetivo é buscar o motivo da existência da obra, formulando o que os gregos chamavam de juízo axiológico. A palavra *axios* indica aquilo que é digno de ser admirado. Então, a axiologia é a ciência da apreciação e da admiração. Porém, ao estimar uma obra, o crítico deve explicar o seu valor, mostrando as virtudes e os defeitos. (PENA, 2008, p. 39).

A crítica acadêmica, explorando a obra em seus aspectos teóricos, é de fato um texto indispensável para a tradição literária. Porém, ao seguir um método de pesquisa e um conjunto de normatividades técnicas, não poderá ser considerada literatura, haja vista que sua existência enquanto gênero não possui valor conotativo. Muitas vezes se atribui subjetividade à pesquisa, uma vez que a motivação certamente denuncia as personalidades do pesquisador, embora tal viés não seja o bastante para denominá-la como escrita criativa. Tal reflexão já nos remete ao que Foucault (1999) discorre a respeito de discurso. Em nenhum momento, o filósofo assume a postura de quem renega o científico, mas é importante frisar como o mesmo descreve sua forma de propagação enquanto discurso. Tal perspectiva nos auxilia na compreensão dos estudos literários. A academia, ao importar critérios normativos no eixo desses estudos, correspondem, segundo Foucault, a uma disciplinarização – no sentido controlador da palavra.

Seria preciso reconhecer também no que se denomina, não nas ciências, mas ‘as disciplinas’, outro princípio de limitação. Princípio este relativo e móvel. Princípio que permite construir, mas conforme um jogo restrito [...] A disciplina é um princípio de controle da produção do discurso. Ela lhe fixa os limites pelo jogo de uma identidade que tem a forma de uma reatualização permanente das regras. (FOUCAULT, 1996, p. 26; 36).

O problema, portanto, não são as reflexões ou discursos depreendidos a partir da obra literária. Elas se fazem indispensáveis na instauração do processo condutor de

⁹ Ver mais em: <http://www.elfikurten.com.br/2012/07/carlos-drummond-de-andrade-entrevista.html>. Acesso em: 25.05.2016.

sistemas de obras que conhecemos e facilitam seu estudo. Todavia, o desenrolar da carga extra-literária a qual a crítica atualmente se interessa - e de onde também surgem as obras - (CANDIDO, 2000) carece de algumas reformulações. Afinal, é ciência jovem ainda, e como tal precisa redefinir algumas questões para dar continuidade a sua promessa.

CONCLUSÃO

Vimos que os estudos literários, ao produzirem crítica, cometem dois equívocos: primeiro, se intitulam ciência, porém ao mesmo tempo almejam se equiparar ou até mesmo superar a obra que analisam. Isso parece um tanto fantasioso, pois a obra de arte se caracteriza justamente pela sua liberdade e teor subversivo, enquanto o discurso acadêmico segue engessado de normas e prescrições técnicas. Alguns ensaios até se aproximam de uma linguagem mais literária, mas artigos e outros trabalhos são, em linhas gerais, análises estritamente científicas, tal como se propõem. O esboço aqui oferecido também observou um segundo equívoco: a nomenclatura *ciência* entorno do estudo literário, embora o reconheça como tal nos aspectos aqui apontados, demonstra algumas fragilidades que precisam ser amparadas. Ciência na literatura ou sobre ela é no mínimo um contracenso se a mesma desprender-se completamente do *corpus* para se destinar tão somente a teoria. Esta, não resolveu as velhas perguntas e por esta razão precisa amadurecer enquanto ciência (COMPAGON, 1999).

Há cientificidade nas correntes teóricas as quais os críticos literários se apoiam para analisar as obras, mas na escritura em si de seus trabalhos há sempre um pouco de personalidade e motivação filosófica; interpretação, descrição e investigação, e ainda, impressionismo, mesmo que esta seja a palavra da qual o crítico deva evitar (CANDIDO, 2000). Nas entrelinhas sempre há um eco dessa releitura, porque ela está carregada de recepção, hermenêutica, marxismo, formalismo, psicologismo, feminismo, sociologia, história, etc; e a escolha de uma dessas correntes não excluirá a existência de nenhuma outra, já que toda obra possibilitaria infindas vezes e sob diversas maneiras cada uma delas.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Carlos Drummond. Entrevista inédita: erotismo - poesia e psicanálise. Disponível em: ><http://www.elfikurten.com.br/2012/07/carlos-drummond-de-andrade-entrevista.html>< Acesso em 26.05.2016, às 12:00h.

CANDIDO, Antonio. Formação da literatura brasileira: momentos decisivos. 6 ed – Belo Horizonte, Editora Itatiaia Ltda, 2000.

COMPAGNON, Antoine. O demônio da teoria: literatura e senso comum. Trad. Cleonice Paes Barreto Mourão – Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999.

CULLER, Jonathan. Teoria Literária: uma introdução. Tradução Sandra Vasconcelos – São Paulo: Beca Produções Culturais Ltda, 1999.

CHIBENI, Silvo Seno. O que é ciência? Disponível em: <<http://www.unicamp.br/~chibeni/textosdidaticos/ciencia.pdf>> Acesso em 25.05.2016, às 20:00h.

FOUCAULT, Michel. A ordem do discurso. Trad. Laura Fraga de Almeida Sampaio. 5ª ed – São Paulo, Edições Loyola, 1996.

GOUVEIA, Arturo. Introdução aos Estudos Literários. Ana Cristina de Sousa Aldrigue; Evangelina Maria Brito de Faria (Org.) Fascículo, 3ª ed. Editora Universitária UFPB. 2009.

HOHLFELDT, Antonio. “As origens antigas: a Comunicação e as civilizações” In: Teorias da Comunicação. Conceitos, escolas e tendências. Petrópolis: Vozes, 2001. 61 – 93.

JAMES, Henry. A arte da ficção. Tradução Daniel Piza. Osasco, SP; Novo Século Editora, 2011.

NETO, Alfredo Veiga. Ciência e pós-modernidade. Episteme, Porto Alegre, v. 3, n.5, p. 143-156, 1998.

OLIVEIRA, Pivetta Rejane. Teoria e crítica do conhecimento nos estudos literários. ANTARES, n°4 – Jul/Dez 2010.

PENA, Felipe. Jornalismo Literário. 1ª ed, Editora Contexto, São Paulo, 2008.

TADIÉ, Jean-Yves. A crítica literária no século XX. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1992.

TIBURI, Márcia. O luto da arte. Disponível em: ><https://revistacult.uol.com.br/home/o-luto-da-arte/>< Acesso em 23.05.2016, às 18:00h.

TODOROV, Tzvetan. A literatura em perigo. Trad. Caio Meira – Rio de Janeiro: DIFEL, 2009.